

APRESENTAÇÃO

O complexo nos impele à busca da integração

Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Naiara Alexandra Lessa de Meneses Belato²

O momento crítico que atravessamos – e que nos inscreve numa realidade transnacional, posto que, contemporaneamente, temos vivido a globalização também em termos de conflitos, de angústias, e não apenas da produção, disseminação e consumo de bens materiais – nos faz ver que há uma interconexão com o distante, que compreender o que nos ocorre aqui e agora se prende a fatos em curso em lugares longínquos.

Como magistralmente expressou o filósofo e educador Edgar Morin, em **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, existem saberes necessários a uma boa prática educacional (escolar, mas também em outras instituições), posto que, de forma mais ampla, são imprescindíveis a todos os cidadãos contemporâneos: a) ensinar / aprender a condição humana com base na razão, sem esquecer a afetividade, a emoção; b) vivenciar a pertinência do conhecimento, isto é, perceber o valor de conhecimentos voltados ao contexto, ao global, ao multidimensional, ao complexo, pois que estes se articulam e organizam nossa apreensão do mundo; c) aprender a condição humana, isto é, chegar ao conhecimento do específico do humano como parte do (conhecimento do) universo; d) introjetar / apre(nder a identidade terrena, como forma de alcance da coerência, da alteridade e da solidariedade; e) enfrentar as incertezas, diante da inevitabilidade do novo, por meio do qual a história avança, sem a angústia paralisante e doentia; f) desenvolver a habilidade da compreensão, num contexto em que a profusão de notícias e posicionamentos pelos meios de comunicação vem gerando anestesiamento e inércia; g) e, por fim, aprender / vivenciar a ética do gênero humano, calcada numa relação tríplice entre indivíduo, sociedade e espécie, como instâncias coprodutoras da realidade.

Como seres inacabados, de construção ininterrupta vida afora, precisamos pensar a complexidade em que nos inserimos e que nos cerca, pois é essa assunção que nos abre a possibilidade de ampliar nossa visada e nosso pensamento sobre o mundo e a vida, sobretudo num

¹ Professora do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas. Coordenadora Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da PROEX. Editora adjunta de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão e editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC. Coordenadora Institucional do PIBID PUC Minas. E-mail: evangelabrbarros@gmail.com.

² Aluna da graduação de Letras. E-mail: nlmenezes@hotmail.com

contexto em que constatamos tanta fragmentação, e, inacreditavelmente, o ranqueamento (valorização x desvalorização) dos saberes humanos (é admissível que, em pleno século XXI, sequer se apresentem questões como: o que vale mais – um diploma de Ciências da Saúde ou de Filosofia? O que dá retorno social mais rápido: saber Sociologia ou dominar saberes científicos e tecnológicos?). Pensar a sociedade de forma mais globalizante nos ajuda a perceber a teia que nos conduz a tantos falseamentos da realidade: é preciso romper com o pensamento simplificador e fragmentário, que conduz a práticas de isolamento nos ambientes de trabalho, a currículos calcados em conteúdos estanques, nas escolas, à priorização da memorização e reprodução de saberes, em detrimento da reflexão e da criação de soluções para problemas concretos; sem isso, persistirão as mazelas que todos conhecemos e que muitos de nós criticamos, mas que permanecem como insolúveis – a desigualdade social, o agravamento da pobreza e da violência, a corrupção endêmica nas relações políticas, a perda das dimensões éticas e morais nas relações, entre outros aspectos deletérios, que (conta)minam as relações humanas.

A realidade – a brasileira e a mundial –, cada vez mais multifacetada e complexa – no sentido de dotada de muitas nuances, demanda-nos um olhar mais abrangente, uma postura menos arrogante de quem aposta na “ideologia do primeiro eu”, de quem busca interação e integração e acredita na interdisciplinaridade como resposta a tanta segregação e exclusão.

Assim, trazemos a público mais um número da **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, como pequeno contributo para reflexões mais amplas sobre o presente. Partindo da premissa de contribuir efetivamente para a disseminação de boas produções acadêmicas, de professores e alunos, da graduação e da pós-graduação – e não apenas na área das Ciências Humanas, mas também das Ciências Sociais, da Extensão e de outras áreas em que se produzam leituras que nos ajudem a compreender melhor o real –, entendemos que investir na interdisciplinaridade é uma forma de atuarmos em prol de práticas educacionais, políticas e culturais mais solidárias, menos solitárias.

Para nós que acompanhamos sua gestação, esta revista é um espaço de diálogo entre áreas, de provocação para que outros tragam suas vozes para ecoarem junto com as nossas. Desde a graduação, a partir de um projeto compartilhado em que a convivência entre alunos dos diversos cursos do ICH (Geografia, História, Letras e Pedagogia) e de outros institutos da PUC Minas (como a Filosofia, a Sociologia, a Física e a Matemática), a grande diversidade de óticas e de ângulos sob os quais a realidade é vista e interpretada nos ajuda a perceber a importância de, sem descuidar daquilo que é específico de cada formação acadêmica, construir juntos um debate sobre o que nos une a todos – os conhecimentos pedagógicos, os saberes experienciais do âmbito da docência e de outras formas de inserção profissional. E as revistas eletrônicas da Universidade – entre as quais, a

Revista do ICH – são espaços abertos que convidam alunos e professores a reflexões mais consistentes e à divulgação dos resultados de seus trabalhos – de iniciação científica, de práticas extensionistas ou investigativas em disciplinas, de participação em programas de indução à formação – como o Pibid e a Residência Pedagógica, entre outros.

Cada área com o seu saber, aprendendo a partilhar e a dialogar com as demais, agregando conhecimentos, criando valores – este é o espaço da interdisciplinaridade que a revista busca construir a cada edição trazida. Em tempos de valorização dos saberes produzidos nas diferentes áreas de conhecimento humano, e, lamentavelmente, de cerceamentos de vozes e instituições (não seria uma tentativa política de censurar a propagação do saber acadêmico aquilo a que temos assistido com os cortes que as universidades estão sofrendo? Não seria uma forma de retorno da censura um decreto que impede às universidades terem sites próprios em que noticiem seus projetos, sua voz, seus posicionamentos?), precisamos promover a escuta de diferentes vozes e construir nossos posicionamentos; para tanto, há que se ter espaços que promovam o diálogo e o debate, em que os olhares e saberes se entrecruzem e desvelem o real, pois isso se torna cada vez mais necessário e urgente.

Nessa perspectiva, a **Revista do ICH** se reafirma como um veículo de interlocução, de diálogo e de interdisciplinaridade. Realizada esta visão preliminar, falar dos textos que integram este volume se torna algo mais acessível e compreensível, porque todos trazem riquezas e agregam algo a suas respectivas áreas, na propagação e na divulgação do saber.

O primeiro artigo traz uma consistente discussão a partir de um projeto de iniciação científica. Em “A igreja no cárcere e a memória transcrita: a releitura do espaço prisional por frei Betto no período da ditadura civil-militar brasileira”, de Emerson Cássio Maia Carvalho, deparamos com uma reflexão a partir de volumes em que se publicaram cartas escritas por Frei Betto, que constroem instigante olhar sobre o que representou a ditadura militar instaurada em 1964. O objetivo do autor do artigo centrou-se em compreender como se deu a construção identitária de Frei Betto, a partir de um espaço autoritário como aquele em que estava inserido, e como este se ressignificou ao longo de seu confinamento. Imperdível.

O segundo artigo, “Uma análise sociolinguística na revisão de textos: o uso do pronome demonstrativo em trabalhos acadêmicos da área do Direito e da Odontologia”, escrito por Letícia Pena Silveira, consiste em um estudo descritivo-comparativo sobre o uso dos pronomes mencionados, sob a ótica do profissional que atua com a revisão de textos.

O terceiro artigo, “Revisão e reescrita de textos a partir do gênero conto infantil” traz uma reflexão da graduanda em Letras Letycia Amaral Menezes sobre como determinadas estratégias de ensino de produção textual no ciclo inicial da educação básica podem ter efeitos positivos

sobre a formação de um aluno-autor mais autônomo, que se dedica à revisão e à correção do próprio texto, a partir do olhar atento e do acompanhamento do professor.

Na sequência, em “Migração e mídia: identidade, racismo e intolerância na migração de sírios e haitianos para o Brasil”, escrito por Barbara Lopes Heleno e Rafaella Max Reinhardt, tem-se instigante reflexão sobre a migração, a partir do aspecto constitutivo da identidade brasileira, em que se discute a forma como estes são ou não aceitos no país e as causas dessas reações ao processo migratório, tão característico da constituição da nossa sociedade. Ao fazê-lo, as autoras mostram como a mídia tem um papel fundamental nesta receptividade dos movimentos migratórios que afetaram o país nos últimos tempos, sobretudo com a vinda de sírios e haitianos.

O quinto artigo, “A política externa do Governo Lula com a África Lusófona: dimensão política, cooperativa, educacional e econômica”, de Antônio Gislailson Delfino da Silva, traça um histórico das dimensões dos laços históricos e culturais que Brasil e África têm desde tempos coloniais, os quais se tornaram mais evidentes no governo Lula. Neste contexto, houve aumento no número de projetos de cooperação, a abertura e reabertura de embaixadas brasileiras no continente africano, tudo isso apoiado em um discurso de solidariedade internacional e da existência de uma “dívida” histórica com a África. O autor do artigo busca discutir as motivações do então presidente Lula nesta parceria com o continente africano: gesto de solidariedade ou de interesses mercadológicos nacionais?

Em seguida, vem o ensaio “A epiclese enquanto espelho da Theosis: uma abordagem possível na teologia oriental”, escrito por Fábio Veliq. Nele, o autor tenta explicitar de que modo é possível estabelecer uma relação entre o conceito de epiclese e o conceito de Theosis, através da compreensão da teologia cristã oriental.

Na resenha deste volume, os graduandos em Letras Kelly Cesário de Oliveira e Lucas Segantini Brito, discutem “A categoria aspectual de acordo com Travaglia”. Para tanto, trazem à cena a obra do professor Luiz Carlos Travaglia, intitulada **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Quando se trata da discussão desse tópico, fundamental para a compreensão do verbo e seu papel na produção do sentido dos enunciados, Travaglia é referência, e se mostra relevante um olhar mais detido sobre suas investigações.

Gustavo Mendes de Oliveira Costa e Amarildo Fernando de Almeida nos convidam a refletir sobre um cenário inusitado para a maioria de nós – em “Relato de experiência: O reconhecimento da realidade carcerária por meio do projeto cartas e necessidades encarceradas”, os autores, amadurecidos pela experiência vivenciada em um projeto de extensão no presídio Antônio Dutra Ladeira, oferecem uma leitura crítica de como o Direito Penal brasileiro opera e se estrutura, sobre a desconformidade entre o caráter restaurador da pena pregado pela lei penal e a

verdadeira execução das penas (que, em sua maioria, inviabiliza qualquer possibilidade de reinserção do indivíduo na sociedade) e de estratégias mais humanizadoras de apenamento, que permitam verdadeira ressocialização dos detentos.

Para finalizar, temos a seção de entrevistas, que traz duas ótimas interlocutoras para quem se dedica à educação – ambas as entrevistadas falam, de forma lúcida e engajada, sobre temáticas relevantes à ambiência escolar.

Na primeira, a professora Eloísa Pilati discute desdobramentos de teorias linguísticas que respaldam o ensino gramatical, priorizando abordagens mais próximas da realidade do aprendiz, sem apelar ao tripé do ensino gramatical – conceituação, exemplificação, exercitação. A realidade é complexa e multifacetada e, para essa linguista da UnB, nós, professores, precisamos ressignificar nossas metodologias de ensino gramatical, aliando bons frutos decorrentes do muito que a ciência linguística tem produzido nas últimas décadas. Autora de várias obras, entre as quais **Educação linguística e ensino de gramática na educação básica**, Pilati é um bom exemplo do pesquisador que deseja ver os resultados de suas investigações a serviço da sociedade, impactando de forma positiva a formação docente e o ensino de língua materna.

Na segunda entrevista, as autoras Helen Caroline Mendes e Élide Cristina Gonçalves trazem uma conversa realizada com Maria Inez Pereira, autora do livro **Violência da / na escola**, fruto de sua pesquisa de mestrado, publicado pela editora Lampsi. Na entrevista, a autora discursa sobre sua experiência na educação básica, em escolas públicas de Minas Gerais, e a violência que, lamentavelmente, tem circundado e adentrado o ambiente escolar, além de mencionar possíveis estratégias de enfrentamento.

Como se vê, a multiplicidade – de temas, de focos, de áreas abrangidas – é a tônica deste volume. Convidamo-lo(a), leitor(a), a juntar sua voz, sua leitura, sua experiência à nossa, nessa partilha de olhares e saberes. Uma leitura profícua é o que lhe desejamos!

REFERÊNCIAS

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SALLES, Virginia Ostroski; MATOS, Eloiza Aparecida Silva Ávila de. A Teoria da Complexidade de Edgar Morin e o Ensino de Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/280492/Downloads/5687-21051-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2019.